

## ÁFRICA NO PLURAL: UM DOSSIÊ

Entre São Paulo, Araraquara, Komende Luyama (comunidade da Serra Leoa), Cape Town (África do Sul), Brasília e Maputo (Moçambique), trocávamos mensagens, e-mails, ideias e deslocávamos nossos corpos. Discutíamos, concordávamos e discordávamos, sobre as melhores formas de tecer um dossiê sobre aspectos do continente africano: algo vasto, que jamais caberia nestas ou em outras páginas. Porém, numa tentativa honesta, coletiva e árdua, foi-se erguendo um trabalho de peso que contou com o comprometimento não só das organizadoras – Denise Pimenta<sup>1</sup> e Laura Moutinho<sup>2</sup> – como também do editor responsável pela revista – Isaías A. Moraes – mas, sobretudo dos (as) autores (as) que tão bem responderam à nossa solicitação de pensar África no plural, entre fluxos, a partir de fronteiras porosas e narrativas diversas.

Este dossiê foi tecido por pessoas localizadas nos mais variados espaços e tempos, empenhadas na séria tarefa de se pensar *em* África e a *a partir* de África, não apenas *sobre* África. Tarefa ambiciosa, que busca privilegiar a descolonização dos saberes e a mudança de paradigmas/olhares em relação ao continente, o que não é realizado exatamente de maneira simples e sem conflitos. Ao contrário, várias vozes, africanas e não africanas, debatem o difícil e complexo ofício de se realizar pesquisa no continente africano. A intenção deste dossiê é somar ao debate que amplia a visão sobre tais estudos. Para isso, contamos com a colaboração de textos diversos, que refletem sobre vários trânsitos e trajetórias por uma vasta e múltipla África. O *Dossiê Áfricas* apresenta uma entrevista, uma colaboração especial, nove artigos, uma resenha e um ensaio fotográfico. Um material vasto, diverso, com cruzamentos de vozes e olhares e preenchido por “desejos de outros lugares”<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo (Usp), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo – SP – Brasil. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS). pimenta@usp.br.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ufrj), Museu Nacional, Rio de Janeiro – RJ – Brasil. Doutora em Antropologia. Universidade de São Paulo (Usp), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo – SP – Brasil. Professora do Departamento de Antropologia, Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS). Bolsista produtividade do CNPq. proafrica2016@gmail.com.

<sup>3</sup> SOUZA, Ilza Matias de Souza. Câmara Cascudo: viajante da escrita e do pensamento nômade. Natal: Ed. da UFRN, 2006.

O dossiê inicia-se com uma cuidadosa entrevista, direto de Maputo, da professora da Universidade Eduardo Mondlane, a antropóloga Esmeralda Mariano - *Um encontro com Esmeralda Mariano: reflexões sobre o fazer antropológico em Moçambique e alhures* - na qual tece considerações sobre sua própria trajetória e também sobre os caminhos da antropologia enquanto disciplina em Moçambique. O encontro com Mariano abre possibilidades de se pensar a construção do ofício do antropólogo, de forma não linear, mas moldada a partir de uma conduta ética diante de desafios teórico-metodológicos.

A Colaboração Especial, com o instigante artigo *Com parente se negocia? Redes migratórias e o comércio transnacional em Cabo Verde*, ficou a cargo da antropóloga Andrea Lobo, professora do Departamento de Antropologia da UnB e de Vinícius Venancio, cientista social pela mesma universidade. Lobo, que possui vasta experiência em pesquisas a partir de Cabo Verde – e Venancio, que se inicia no tema, refletem sobre relações de afetos e trocas familiares que se encontram dentro de um complexo trânsito migratório.

Seguindo ainda o tema de trajetórias educacionais e de pesquisa, contamos com dois preciosos artigos: *África in loco: itinerários de pesquisadores do Centro de Estudos Afro-Orientais nos anos 1960*, escrito por Luiza Nascimento Reis, professora do Departamento de História da UFPE e; *Da Madraça à Universidade: itinerários de jovens tamacheque no Egito*, de autoria da antropóloga e terapeuta ocupacional Denise Dias Barros, docente do Programa de Pós-graduação Interunidade em Estética e História da Arte da USP e fundadora da Casa das Áfricas e do núcleo Amanar e do autor Mahfouz Ag Adnane, mestre e doutorando em História Social pela PUC-SP, membro e pesquisador da Casa das Áfricas e do Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora (CECAFRO). Ambos os textos se dedicam a pensar trajetórias de pesquisadores e estudantes, o primeiro artigo refletindo sobre o caminho de pesquisa que vai da Bahia à África, enquanto o segundo pensa as trajetórias de estudantes africanos tamacheque em direção à universidade no Egito. *Da Madraça à Universidade* reflete ainda de modo muito delicado sobre uma pesquisa multisituada, escrita a quatro mãos, por uma pesquisadora brasileira e um pesquisador africano.

A mesma forma metodológica de escrita está presente no artigo *Capulanas e macuti – camadas de tecidos, folhas e histórias*, um esforço conjunto da antropóloga brasileira Helena Santos Assunção, Museu Nacional-UFRJ, e do historiador africano Aiúba Ali Aiúba, PUC-Rio. Os autores se esmeram em criar

um texto não só prazeroso à leitura como também instigante, que reflete sobre os usos funerários das capulanas e do macuti na Ilha de Moçambique.

Ainda sobre Moçambique, Cíntia Acosta Kütter - doutoranda em Letras Vernáculas/Literaturas Portuguesa e Africanas, pela UFRJ – pensa a colonização e a pós-colonização a partir da literatura em *Narrar Moçambique: a experiência do rastro colonial*. Analisa para tanto a obra de João Paulo Borges Coelho: *Crónica da Rua 513.2*. Além deste artigo que se dedica a pensar a formação da nação a partir do romance, também outros dois artigos apresentam inovadoras perspectivas na abordagem destes temas.

Partindo do futebol e de um projeto arqueológico em Angola, dois artigos refletem sobre uma estrutura colonialista impressa nos mais diversos setores das sociedades africanas: *O futebol africano na Europa: os casos de Portugal e França como destino migratório de jogadores das suas ex-colônias*, de Lucas Martins Santos Melo, mestre em Antropologia Social pela UFS e; *As raízes colonialistas do projeto de patrimônio mundial de mbanza kongo*, texto do mestre em arqueologia pelo MAE/USP, Bruno Pastre Máximo.

Mariana Schlickmann, doutoranda em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina, com o artigo *Divisão África: as diretrizes da política externa brasileira para o continente africano durante a ditadura militar no Brasil (1964 – 1985)* e; Vagner Gomes Bijagó - doutorando em Antropologia na UFPE - autor do texto *O processo de democratização na África: a dolorosa (in)transição na Guiné-Bissau* tecem detalhadas reflexões sobre política e política externa, regimes autoritários e democracia no Brasil e em África, principalmente na Guiné-Bissaus:

Por fim, Magdalena Bialoborska – do Centro de Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), traz a fascinante etnografia sobre o meio de transporte mais usado na maioria dos países africanos, discutindo formas de viver, economia informal e sociabilidades por meio das relações estabelecidas através de “okadas” (motocicletas), com o artigo *Eu, como jovem... não é isso a vida que quero: os motoqueiros em São Tomé e Príncipe: uma estratégia, arriscada, de sobrevivência*.

O Dossiê conta ainda com a resenha do livro de R. Sooryamoorthy - *Sociology in South Africa: Colonial, Apartheid and Democratic Forms (2016)* – elaborada por José Katito, professor de Ciências Sociais e Sócio-sanitárias no Instituto Universitário ISUPE-Ekuikui II do Huambo, em Angola. Apresenta também o ensaio fotográfico *Expressões políticas nos muros de Mindelo*,

***Cabo Verde***, elaborado por Suélen Pinheiro Freire Acosta e Anelise Fabiana Paiva Schierholt, ambas autoras mestrandas em Ciências Sociais da Unisinos.

Assim, por entre estradas, caminhos, fluxos e trajetórias *a partir de e em* África, acreditamos que este dossiê reúna sérias tentativas de pensar a multiplicidade deste continente, reunindo autores de diversas áreas das Ciências Humanas, de várias instituições e países diferentes, ou seja, uma escritura no plural com vistas para uma leitura múltipla e cheia de potencialidades.

Organizadoras,

Denise Pimenta

Mestre e doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), da Universidade de São Paulo (USP).

Laura Moutinho

Doutora em Antropologia pela UFRJ, professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade de São Paulo (USP). Bolsista produtividade do CNPq.